



**Angela Maria Gomes**  
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:  
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309  1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio	
Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes	
Isabela Candeloro Campoi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903097</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>126</b>
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>137</b>
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>150</b>
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>162</b>
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.08919030915

**CAPÍTULO 16 ..... 186**

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

DOI 10.22533/at.ed.08919030916

**CAPÍTULO 17 ..... 199**

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.08919030917

**CAPÍTULO 18 ..... 214**

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

DOI 10.22533/at.ed.08919030918

**CAPÍTULO 19 ..... 225**

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

DOI 10.22533/at.ed.08919030919

**CAPÍTULO 20 ..... 233**

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.08919030920

**CAPÍTULO 21 ..... 245**

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

DOI 10.22533/at.ed.08919030921

**CAPÍTULO 22 ..... 258**

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

## TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

**DOI 10.22533/at.ed.08919030922**

### **CAPÍTULO 23 ..... 270**

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO  
SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

**DOI 10.22533/at.ed.08919030923**

### **CAPÍTULO 24 ..... 286**

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E  
DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

**DOI 10.22533/at.ed.08919030924**

### **CAPÍTULO 25 ..... 295**

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO  
BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

**DOI 10.22533/at.ed.08919030925**

### **CAPÍTULO 26 ..... 306**

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME  
“CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

**DOI 10.22533/at.ed.08919030926**

### **CAPÍTULO 27 ..... 325**

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO  
SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

**DOI 10.22533/at.ed.08919030927**

### **CAPÍTULO 28 ..... 335**

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

**DOI 10.22533/at.ed.08919030928**

<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>346</b>
TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS	
Andréa Luisa Frazão Silva	
Adriana Tobias Silva	
Monica Rodrigues de Farias	
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030929</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>360</b>
VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”	
Lucía Noel Viera	
Alejandra Escribano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030930</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>364</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>365</b>

## ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS

**Mirian Celeste Martins**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e  
História da Cultura  
São Paulo/SP

**RESUMO:** Uma questão que se abre para outras: Como o termo cultura aparece na Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada? E a arte? Quais as suas ressonâncias na formação inicial de professores para a educação básica? Questões que se abrem para outras tantas questões tendo como chão a experiência singular em sala de aula de um curso de Pedagogia. É deste lugar e com este olhar voltado para os documentos oficiais que esta comunicação se coloca, buscando conexões com outras experiências e pensamentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte; Cultura; Formação de Professores; Pedagogia; Diretrizes Curriculares.

**ART AND CULTURE IN THE NATIONAL CURRICULAR GUIDELINES FOR THE LICENSEE**

**ABSTRACT:** A question that opens to others: As the term culture appears in Resolution no. 2 of July 1, 2015, which defines the National Curricular Guidelines for initial training in higher level (undergraduate courses, pedagogic training courses for graduates and second degree courses) and for continuing education? What about art? What are their resonances in initial teacher education for basic education? Questions open to so many questions having as floor the singular experience in the classroom of a course of Pedagogy. It is from this place and with this look back to the official documents that this communication has placed, seeking connections with other experiences and thoughts.

**KEYWORDS:** Art; Culture; Teacher training; Pedagogy; Curricular Guidelines.

### 1 | APROXIMANDO-SE DO FOCO

Desde há muito tempo a sociedade vem exigindo ações mais efetivas em relação à educação. Vivemos um momento importante com as discussões contemporâneas sobre a Base Comum Curricular Nacional e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a

formação continuada.

Seria interessante um apanhado sobre a trajetória até o presente momento, mas me abstenho da história desta construção divulgada por Luiz Fernandes Dourado (2015) e me aproximo de um foco específico: Como o termo cultura aparece na Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais? E a arte? E a interdisciplinaridade? Quais as suas ressonâncias na formação inicial de professores para a educação básica? Questões que se abrem para outras tantas questões tendo como chão a experiência singular em sala de aula de um curso de Pedagogia. É deste lugar e com este olhar voltado para os documentos oficiais que esta comunicação se coloca, buscando conexões com outras experiências e pensamentos.

Focalizar em cultura e nela inserida a arte com todas as suas linguagens, é meter-se num complexo campo rastreado, coberto por camadas de sentidos. A obra *Babel* de Cildo Meireles (2001), que ocupa uma imensa sala na Tate Modern em Londres, é construída como uma torre de cinco metros de altura com rádios empilhados; cada um deles está sintonizado em uma estação diferente. A obra pode ser síntese e metáfora do emaranhado destas camadas de sentido.



Fig. 1. Cildo Meireles, *Babel*, 2001. Disponível em: < [https://www.tate.org.uk/art/images/work/T/T14/T14041\\_10.jpg](https://www.tate.org.uk/art/images/work/T/T14/T14041_10.jpg)>. Acesso em 19 maio 2019.

A obra estabelece imediata articulação com a *Torre de Babel* de Peter Brueghel, o Velho, realizado em 1563 que se remete ao mito que explicaria as diferentes línguas faladas no mundo. Em diálogo possível, trazemos Jorge Larrosa (2004, p. 84) para quem “qualquer comunicação é babélica porque, no ato mesmo de comunicar-se, qualquer sentido se multiplica e nos multiplica, confunde-se e nos confunde”. Habitar babelicamente nossa condição babélica é “habitar uma língua múltipla” que expõe e provoca a singularidade de conceitos, ramificando-os qual rizoma em múltiplas significações que presentificam diferenças.



Fig. 2. Peter Brueghel, o Velho. *Torre de Babel*, 1563. Disponível em: < <https://www.khm.at/objektdb/detail/323/?offset=37&lv=list>>. Acesso em 19 maio 2019.

Cultura, arte e interdisciplinaridade são palavras-valise. Trazem dentro de si uma polifonia de sentidos. Ao analisar a Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 (que será chamada neste texto de DCN/FI), encontramos o termo “cultura” e delas derivados (culturais) citada 28 vezes. O termo “arte” ou “artístico” aparece duas vezes e relacionadas a ela – “estético(s)” ou “estética”, mais sete vezes. E “interdisciplinaridade” aparece 22 vezes. É por elas que analisamos o referido documento na busca de perceber sua potência e desafios.

Um aviso ao leitor: trazemos muitas citações diretas para que outros possam também adentrar e de dentro das questões trazer o chão e o ar, na cálida tarefa de compreendermos aspectos nebulosos do difícil processo de formação profissional na docência.

## 2 | UM OLHAR PANORÂMICO

CONSIDERANDO que a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a **cultura**, o pensamento, a **arte** e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e o apreço à tolerância; a valorização do profissional da educação; a gestão democrática do ensino público; a garantia de um padrão de qualidade; **a valorização da experiência extraescolar**; a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, entre outros, constituem princípios vitais para a melhoria e democratização da gestão e do ensino; [...]

CONSIDERANDO a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo **conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos**, conceitos, princípios e objetivos da formação

que se desenvolvem entre **conhecimentos científicos e culturais**, nos **valores éticos, políticos e estéticos** inerentes ao ensinar e aprender, na socialização e construção de conhecimentos, **no diálogo constante entre diferentes visões de mundo**; [...]

CONSIDERANDO a realidade concreta dos sujeitos que dão vida ao currículo e às instituições de educação básica, sua organização e gestão, os projetos de formação, devem ser **contextualizados no espaço e no tempo** e atentos às características das crianças, adolescentes, jovens e adultos que justificam e instituem a vida da/e na escola, bem como possibilitar a reflexão sobre as **relações** entre a vida, o conhecimento, **a cultura**, o profissional do magistério, o estudante e a instituição; (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015, p.1 e 2, grifos nossos)

Entre as considerações iniciais da DCN/FI encontram-se os três parágrafos citados acima. Neles grifamos os aspectos que alimentam esta reflexão, entendendo “a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico” como afirma o DCN/FI. A partir destas primeiras considerações articuladas com o documento levantamos alguns possíveis caminhos para a análise.

- “Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” - articulação com o artigo 2º § 1º que reforça a sólida formação científica e cultural:

§ 1º Compreende-se a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo **conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos**, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos **valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos** do conhecimento inerentes à **sólida formação científica e cultural** do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, **em diálogo constante entre diferentes visões de mundo**. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015, p.3, grifos nossos)

Evidentemente muitos aspectos se multiplicam em cada artigo ou parágrafo, mas cabe notar neste trecho acima a percepção de que a cultura e a arte fazem parte da sólida formação esperada.

Podemos aqui refletir sobre que conceito de cultura este documento se vale. Uma cultura que está “em constante diálogo entre diferentes visões de mundo” não está vinculada a uma abordagem que trabalha com a norma culta que afasta do universo simbólico e cultural as manifestações populares e de povos distantes das versões europeias ou norte-americanas. Pelo contrário, “o diálogo constante entre diferentes visões de mundo” parece valorizar a abordagem de Michel de Certeau em *A cultura no Plural* (1995) e de tantos outros. Assim poderíamos usar o termo “culturas”, já que são muitas e diversas.

A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura

como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas” (FREIRE, 1967, p. 108).

Paulo Freire traz a distinção entre a natureza e a cultura, ressaltando a importância da democratização desta, elevando o ser humano a ter o seu lugar de sujeito e não de objeto: uma chave de entrada para todos que poderia introduzir também o analfabeto. Mas, ao abordar o que chama de culturas híbridas, Néstor Garcia Canclini (2008) alerta o cuidado para:

[...] não tornar a arte e a cultura recursos para o realismo mágico da compreensão universal. Trata-se, antes, de colocá-los no campo instável, conflitivo, da tradução e da “traição”. As buscas artísticas são chaves nessa tarefa, se conseguem ao mesmo tempo ser linguagem e ser vertigem. (CANCLINI, 2008, p XL)

As torres de Babel de Brueghel ou de Meireles são linguagem e são vertigem a nos provocar um pensar sobre a diversidade cultural. Ela não está somente em nossas fronteiras geográficas, mas está em nossas salas de aula. Estudantes de Pedagogia refletem a diversidade cultural em sua essência e ela começa pelas próprias oportunidades que a escola, as famílias, os grupos sociais com os quais conviveram e convivem, entre outros agenciadores culturais como as mídias contemporâneas ofereceram a estes/as estudantes.

Aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura e a arte para estudantes tão diversos desafiam a imensa ampliação de saberes, que possam ir além dos gostos que se formaram muitas vezes alicerçados pela publicidade que impulsiona o consumo desvairado alimentado pela mídia. Implica em instalar a desconfiança na publicidade incitada pela leitura das imagens, da cultura visual que nos invade a todo o momento.

Há um ditado: “Gosto não se ensina”, mas há também um adendo: “Gosto não se ensina, se lamenta”. O adendo dá a marca da superioridade que se incomoda com o que não é igual, tal Narciso que “acha feio o que não é espelho”, como poetizou Caetano Veloso. Mas a escola, de certo modo, anuncia um gosto, um modo de ser e fazer não só em arte, que frequentemente coloca a pessoa em caixinhas formatadas. Por isso tantas vezes ouço a pergunta: “\_Pode, professora?” Quem disse que não podia para esta estudante que quer sair do que é o modelo que lhe ensinaram? Tenho chamado este sintoma de “síndrome do póde”, mas este é um conteúdo para outras análises...

Voltemos à cultura e à arte e as perguntas continuam. Como aprender, ensinar, pesquisar e divulgar arte e cultura? Em complemento, Elliot Eisner (2008), importante educador americano de Stanford, nos traz uma outra questão que dá título a um artigo: O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?

São seis as “lições da arte” propostas. A primeira delas é que as regras nascem na própria ação. Assim como as obras de arte, é o próprio autor que escolhe e constrói suas próprias referências, seu caminho, suas regras. “As artes ensinam os alunos a

agir e julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas” (EISNER, 2008, p. 10).

Os fins e meios são abordados na segunda lição: “Nas artes os fins podem seguir os meios. Alguém pode agir e a ação, em si, pode sugerir fins, os quais não precederam, mas seguiram as ações. De certa forma, rende-se àquilo que o trabalho em processo sugere” (EISNER, 2008, p.11). Novamente é na ação que objetivos podem ser criados e recriados como um processo que é avaliado em ação.

Na terceira lição o foco é forma-conteúdo, como inseparáveis. “Muda o ritmo de um verso de poesia e mudarás o significado do poema. A criação de relações expressivas e satisfatórias é o que o trabalho artisticamente guiado celebra” (EISNER, 2008, p. 12). O conteúdo se integra à forma, assim como a forma se integra ao conteúdo. Conteúdo e forma ganham relações que são construídas tanto na procura da forma como na do conteúdo.

Relacionado com foco anterior, a quarta lição: “Nem tudo o que conhecível pode ser articulado de forma proposicional. Os limites do nosso conhecimento não são definidos pelos limites de nossa linguagem” (EISNER, 2008, p. 12). Há muitos meios para dizer o que pensamos. Se a ciência declara significados, a arte os expressa. Derrubam-se as fronteiras cognitivas abrindo espaço para metáforas, imagens, cartografias, etc. que expressam significados advindos de experiências significativas.

A quinta lição das artes para a prática da educação aponta a necessidade que o artista tem em explorar as possibilidades. “Cada material impõe as suas exigências distintas e para usá-las bem temos que aprender a pensar dentro delas” (EISNER, 2008, p.13). Na história da arte podemos perceber como materiais, suportes, ferramentas e procedimentos. Os computadores e todos os programas e aplicativos disponíveis nos fazem pensar e criar de modo diverso, mas muitas vezes a obediência à padrões minam forças criativas que lidam com o caos e o não saber em vez de gastar tempo buscando modelos prontos e soluções tipo “mais do mesmo”.

Enfim, “O sentido e a explosão de emoções que sentimos quando comovidos por uma das artes pode, também, ser assegurada nas ideias que exploramos com os estudantes, nos desafios que encontramos em fazer investigações críticas no apetite de aprender que estimulamos” (EISNER, 2008, p.15). Artistas mergulham no trabalho, lidam com ideias, exploram materiais na busca intensa de satisfações estéticas que o trabalho em si pode oferecer. Quando mergulhados em uma ideia produzem muitos e muitos esboços, textos, trabalhos, pesquisas. Uma ideia estética não se torna um único trabalho, mas uma série. A motivação nasce da própria busca, dos desafios que movem, das oportunidades que são oferecidas.

Assim, regras, fins e meios nascem nos processos que envolvem a busca pela intensa relação entre forma e conteúdo, entre matéria e ideia na expressão de experiências significativas com emotivo apetite criativo. É da arte e da cultura que estas lições podem ser gatilhos para a prática, sejam educativas, sociais, de ensino,

de pesquisa.

Haveria muitos outros aspectos a nos preocupar em relação à aos “conhecimentos específicos e/ou interdisciplinares” pela inserção deste “e/ou” no termo “interdisciplinar” que aparece 22 vezes, assim como a prática na relação com a teoria, já que o termo “prática” aparece também 22 vezes.

### 3 | COMO ESTRELAS NO UNIVERSO DA FORMAÇÃO

O documento nos move para múltiplas discussões, aqui apenas esboçadas. Destaco, entretanto, três pontos como estrelas no universo da formação impulsionando desenhos como constelações.

- **O papel dos profissionais do magistério como agentes formativos de cultura.**

No Art. 3º § 5º: São princípios da Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica: “XI - a compreensão dos profissionais do magistério como agentes formativos de cultura e da necessidade de seu acesso permanente às informações, vivência e atualização culturais”.

Este aspecto se articula nas estreitas “relações entre a vida, o conhecimento, a cultura, o profissional do magistério, o estudante e a instituição” nas considerações iniciais do DCN/FI e com o Art. 3º. §1º que aponta as “relações criativas entre natureza e cultura”.

As relações intrínsecas entre vida, arte e cultura são óbvias, mas nem sempre percebidas. Desde o momento em que nos levantamos até quando nos deitamos e mesmo enquanto dormimos, estamos inseridos no mundo da cultura, dos signos, da arte. Assim como nossas roupas são mídias que falam de nós, não as percebemos como inseridas no campo da cultura e da arte. Lembro-me de um projeto feito junto a crianças por estudantes de Pedagogia que escolheram o sapato como objeto para um projeto de intervenção onde arte e cultura impulsionavam múltiplos aspectos. Quantas descobertas culturais e artísticas ao mergulhar neste banal objeto de nosso cotidiano!

Para ser um agente formativo da cultura ou das culturas, é preciso perceber mais do mundo à nossa volta, é preciso conhecer museus, mas também o patrimônio cultural que muitas vezes é invisível, mesmo que passemos diariamente ao lado de um belo exemplar. É preciso impulsionar um novo olhar sobre a cultura e sobre a arte como um campo específico, mas também interdisciplinar e pedagógico. Uma das possibilidades está nas considerações iniciais do documento: “a valorização da experiência extraescolar”. Mas, qual o espaço para isso? Basta a presença em eventos, exposições, etc? Já dizia Louis Porcher, como uma responsabilidade

esmagadora da escola:

Em matéria de sensibilidade não existe formação de adultos, recuperação ou reciclagem com que se possa contar. Se a escola não empreender desde os primeiros anos de escolaridade, o trabalho de sensibilização estética que é necessário, inclusive através de audições sistemáticas de discos, apresentação sistemática de obras de artes plásticas, cinematográficas, etc, aqueles que não puderem beneficiar-se de um ambiente familiar favorável jamais sairão do analfabetismo sensorial e do consumismo embotado (PORCHER, 1982, p. 46)

Se não oferecemos oportunidades para estudantes de Pedagogia que já chegam a curso com restrito acesso aos bens culturais de modo geral, o pouco acesso continuará em voga. Por isso, é muito diferente visitar exposições com a turma e ter contato com os programas educativos para que contem suas experiências com o público. A mediação cultural (MARTINS, 2018) já é um campo de estudo dentro das artes com vasta bibliografia e pode trazer outra compreensão das instituições culturais e suas políticas, além de outros aspectos que poderiam ser ampliadas em relação a este quesito.

Estes aspectos poderiam ser compreendidos dentro dos três núcleos presentes no Art. 12º.

- **Valores, dimensões, questões, sensibilidade estéticas**

Valores estéticos já foram referenciados nas considerações iniciais e no artigo 2º § 1º que reforça a sólida formação científica e cultural. Ela aparece também em outros artigos;

Art. 2 § 2º No exercício da docência, a ação do profissional do magistério da educação básica é permeada por dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas [...]

Art 3º § 6º - deve contemplar: VI - as questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade.

Art. 7º O(A) egresso(a) da formação inicial e continuada deverá possuir um repertório de informações e habilidades [...]fundamentado em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética, de modo a lhe permitir:

Art. 12. I - núcleo de estudos de formação geral, das áreas específicas e interdisciplinares, e do campo educacional, seus fundamentos e metodologias, e das diversas realidades educacionais, articulando:

e) conhecimento multidimensional e interdisciplinar sobre o ser humano e práticas educativas, incluindo conhecimento de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biopsicossocial;

j) questões atinentes à ética, estética e ludicidade no contexto do exercício profissional, articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa;

O campo do estético aparece como vimos acima como valor articulado a valores éticos, linguísticos e políticos, como dimensão acoplada às dimensões técnicas, física, cognitiva, afetiva, cultural, lúdica, artística, ética e biopsicossocial, além da perspectiva da sensibilidade afetiva e estética, abrindo-se também como questões, assim como questões socioambientais ou éticas.

A palavra “estética”, assim como a estesia “tem origem no grego *aisthesis*, que significa basicamente a capacidade sensível do ser humano para perceber e organizar os estímulos que lhe alcançam o corpo”, como nos afirma Duarte Jr. (2001, p. 136-137). A experiência só se torna estética quando envolve a cognição, o afeto e a vida, como nos ensina Dewey (2010). É estética quando nos tira da anestesia, alcança o corpo, diz de nossa sensibilidade geral, de nossa apreensão dos sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos. Como valor, dimensão ou sensibilidade estética, há uma implicação do sujeito na ação, na experiência, na contextualização de tempos e espaços, na relação com a vida, com o outro.

- **O lugar da prática como experiência significativa e, portanto, estética.**

A implicação na experiência que envolve a cognição, o afeto e a vida transforma a prática. Este termo aparece 29 vezes no documento estudado e transforma o currículo.

No Artigo 13 que rege os cursos de formação inicial de professores há uma mudança estrutural importante ampliando o curso para no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas em cursos com, no mínimo oito semestres ou quatro anos propondo no item I “400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo”. De que prática se fala?

Art. 3º ... 5º V - a **articulação entre a teoria e a prática** no processo de formação docente, fundada no domínio dos conhecimentos científicos e didáticos, contemplando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;

Art. 5º - VI - ao uso competente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o aprimoramento da **prática pedagógica e a ampliação da formação cultural** dos(das) professores(as) e estudantes;

Art. 12º.

I - **núcleo de estudos de formação geral** [...]

e) conhecimento multidimensional e interdisciplinar sobre o ser humano e **práticas educativas**, incluindo conhecimento de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biopsicossocial; [...]

j) questões atinentes à ética, estética e ludicidade no contexto do exercício

profissional, articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa; [...]

### II - núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional [...]

c) pesquisa e estudo dos conhecimentos pedagógicos e fundamentos da educação, didáticas e **práticas de ensino**, teorias da educação, legislação educacional, políticas de financiamento, avaliação e currículo. [...]

### III - núcleo de estudos integradores para enriquecimento curricular, compreendendo a participação em:

b) **atividades práticas** articuladas entre os sistemas de ensino e instituições educativas de modo a propiciar vivências nas diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamento e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos; c) mobilidade estudantil, intercâmbio e outras atividades previstas no PPC;

Compreender as práticas como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo implica em uma reformulação que precisa aprofundada, envolvendo a dimensão cultural, estética e artística, sem tirar da Arte e de suas linguagens o espaço de conhecimento específico que implica tanto as questões conceituais, como as práticas atentas a processos de criação e ao estudo do desenvolvimento estético de crianças e jovens e adultos.

## 4 | PARA CONTINUAR PENSANDO...

Michel de Certeau em *A cultura no plural* nos faz continuar a refletir:

[...] devemos nos perguntar por que essas expressões culturais produzidas com o vocabulário das ferramentas, dos utensílios, das vestimentas ou dos gestos cotidianos parecem desaparecer diante das fábricas e dos escritórios. Nos lugares onde a produção se concentra, a criatividade aparece apenas como vergonhosa, camuflada nos aperfeiçoamentos técnicos minúsculos que a competência profissional dos trabalhadores pode introduzir no interior das normas impostas pela direção. Ali, ela está reservada aos quadros, ao pessoal dirigente. Está proibida aos outros. A possibilidade de criar somente começa acima de certo nível social (CERTAU, 1995, p. 245).

As expressões culturais também parecem desaparecer diante das escolas? A criação é apenas dos dirigentes, deixando o professor como aquele que segue as orientações dos livros didáticos, dos sistemas, de projetos que já nascem prontos?

Se o professor é um agente formativo de cultura, qual papel nos cabe como seus formadores? Como as artes e as culturas podem se tornar mais presentes nos cursos de licenciatura, para além dos fundamentos ou metodologias das linguagens artísticas, invadindo e permeando toda a trajetória do estudante?

Há muito que aprofundar. Sem dúvida, mais uma munição para os estudos e as pesquisas desenvolvidas GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia e com

parceiros de muitas universidades que se voltam à formação de educadores. A reflexão sobre o documento das Diretrizes e os teóricos aqui apresentados podem impulsionar a necessária discussão em todos os cursos de licenciatura, sejam de que área forem e entre os gestores que trabalham na formação continuada. Com esperança!

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOURADO, Luiz Fernando. *Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da Educação Básica: concepções e desafios*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v36n131/1678-4626-es-36-131-00299.pdf>>. Acesso em 19 maio 2019.

EISNER, Elliot W. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Revista Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>>.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia. Dossiê Revista *Trama Interdisciplinar*, 2015. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/issue/view/467>>. Acesso em 19 maio 2019.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Mirian Celste (org.). *Pensar juntos a mediação cultural: (entre)laçando conceitos e experiências*. São Paulo: Terracota, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category\\_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em 01 dez 2015.

PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

### B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

### C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

### D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

### E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

### F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

## **G**

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

## **H**

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

## **I**

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

## **L**

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

## **M**

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

## **N**

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

## **O**

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

## **P**

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

## **S**

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

## **T**

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**